

Poemas

Adriane Garcia¹

Loba

Se eu doesse, mas soubesse exatamente o quê, eu faria prosa, mas
Eu não sei o quê
Eu só sei onde

Dói-me abaixo do intestino, comprimindo-me o útero, dói
Parecendo bexiga, mas não é, não
E coincidentemente, eu
Sangro

Noutro mês seria
Menstruação

Tentei localizar mais cedo e era mais para cima
O tal plexo solar (sem luz nenhuma)
Eu sou um escuro e ando
Carregando sombra, se não fogem
Ainda não se deram conta
Do animal sedento e sem forças

Não! Não posso morrer:
Tenho tetas.

Maldição

Que se danem os contadores de sílabas e palavras
Se eu tivesse tempo, sim
Eu seria uma aluna do léxico

Excepcional

Mas acontece que isso é tudo bobagem
Hoje estou confessional
Femeazinha como nunca
(como se os homens não se ferissem)

E vou dizer que não rimo nada
Que tenho horror à rima
Porque me parece infantil e eu não tenho
Tempo nem disposição para jogar

Leio um livro do final do século XIX
Ei!, você aí mesmo com seu Ipad!
– Nada mudou de fato
Pule do precipício (sempre é tempo)

Suporto suor e picadas de pernilongos
Há milênios
E dentro de mim há um germe
Que quer viver.

Incômodo

O Futuro sopra em meu ouvido
E me gela
Seu hálito de menta e transparência

O Futuro é como querem
Verde:
Verde-pântano

Está triste comigo porque não ri
Das suas últimas
Piadas

Louco
Bêbado
Falastrão!

Os tempos de mim

Antes de mim tem cansaço
Durante em mim tem consciência
Do cansaço que fui

Depois de mim tem medo
Durante em mim tem consciência
Do medo que terei

Sou cansaço, consciência e medo
Agora
Porque sou todos os tempos
E não sou tempo nenhum.

Hegel descobre o assassino

Pedra é pedra
Flor é flor
Pássaro é pássaro
Homem é negação
Do homem
Que o suporta
Era eterno quando
Se matou
Na Natureza embrenhou
Sua faca linguagem:
Por trás do bizarro
É só um bicho.

Três Porquinhos

(Do livro *Fábulas para adulto perder o sono*)

Decepcionados com
Um mundo onde
Ou você come

Ou é comido
Os três porquinhos
Deliberaram
Sair da pocilga

À noite
Entraram na casa
E assaram os donos:

As maçãs nas bocas.

Ilha de garrafas

Lanço no mar as milhares de garrafas que causam engarrafamento no mar.
Bilhões de palavras das quais já nem sei, já nem tenho lembrança ou notícia.
Um dia ou outro me vieram uma ou outra garrafa-resposta.
Li e guardei no peito os cacos quebrados e o impacto que é quebrá-las nas pedras.
Guardei o impacto que é quebrá-las
E as pedras.

¹ **Adriane GARCIA**, nascida em Belo Horizonte/MG, em 1973. Historiadora, funcionária pública, arte-educadora, atriz. Escreve poesia, contos, infanto-juvenis e dramaturgia. Premiada pelo Concurso de literatura do Paraná 2013 com o livro de poemas *Fábulas para adulto perder o sono*.
Email: adrianedrc@ig.com.br

Recebido: 08.12.2013

Aceito: 05.12.2013